



O SUJEITO ESTAGIÁRIO EM BUSCA DE AUTORIZAÇÃO¹

Elaine Xavier Lima Babinski*

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar as produções escritas dos alunos do oitavo semestre do curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, do *campus* de Cáceres, procurando verificar como se dá a passagem da função-sujeito enunciativa para a de sujeito-autor. Buscamos observar o trabalho que o acadêmico desenvolve para costurar os vários recortes de textos e construir a textualização dos relatórios de estágio, verificando como o sujeito estagiário mobiliza as várias teorias estudadas no curso para interpretar as aulas, o processo de ensino da língua e a escola. Desenvolvemos essa análise no segundo semestre do ano de 2009, e nos inscrevemos na perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa. É importante dizer que a produção desses relatórios se dá no interior da disciplina Estágio Supervisionado, no final do curso de Licenciatura Plena em Letras. Para realizar essa pesquisa, tomamos como objeto de estudo o discurso do estagiário de Letras e selecionamos como *corpus* recortes de relatórios de estágio do 8º semestre de Letras. Percebemos em nossa pesquisa que o sujeito estagiário se inscreve no discurso da academia para poder dizer sobre a escola. E um argumento bastante recorrente tem sido a crítica que ele faz à escola, ao professor, ao processo de ensinar/aprender a língua. Percebemos que, muitas vezes, em seu discurso o sujeito estagiário tem se colocado em um patamar superior ao do professor titular da disciplina.

Palavras-chave: Letras. Análise de Discurso. Sujeito. Autoria. Estágio.

1 INTRODUÇÃO

¹Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2009, sob a orientação da Ma. Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida.

*Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT/Cáceres em 2009. cursando a Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT/Sinop (2011/2012).

Ao observar os relatórios de estágio, inicialmente, percebíamos que eles se marcavam pela descrição, atendendo aparentemente uma questão administrativa, sentíamos falta de uma reflexão teórica sobre o ensino de língua na escola. Nesse sentido, passamos a questionar: Que leituras os estagiários têm produzido sobre a escola, os professores e sobre o ensino de língua? O que sustenta o discurso do estagiário de Letras? Que gestos de interpretação foram possíveis aos estagiários a partir das teorias estudadas no curso?

Para o desenvolvimento da nossa pesquisa, foram lidos vinte e cinco relatórios de estágio dos anos 2008 e 2009, na Universidade do Estado de Mato Grosso do *campus* de Cáceres, dos quais selecionamos seis relatórios. Destes, foram retirados sete fragmentos para a análise da nossa pesquisa. Utilizamos como critério de seleção do *corpus* alguns recortes daquilo que consideramos mais recorrente: a crítica a escola, ao professor e ao ensino de língua em sala de aula. Para realização dessa análise buscamos aparato teórico na Análise de Discurso de Linha Francesa, que tem como percussores, Michel Pêcheux, na França e Eni Orlandi, no Brasil.

2 DIRECIONAMENTO TEÓRICO DA PESQUISA

O analista se coloca no lugar de quem não aceita a evidência do sentido como produto de um processo fixo, ele olha para a construção do sentido constitutivamente sob o efeito metafórico, por isso as relações que se dão entre sujeito e linguagem são qualitativamente diferentes e isso produz efeitos.

Cabe ao analista do discurso desvelar os fatos resistentes que precisam ser apagados para que os sentidos se dêem, tornando visível o seu modo de funcionamento. É, enfim, como diz Pêcheux (1984, apud PFEIFFER, 1995, p. 3-4), fazer com que a opacidade do texto, que aos olhos do leitor se apresenta como transparente, faça-se visível.

Etimologicamente, no século XII, o sentido da palavra ‘sujeito’ era: submetido à autoridade soberana. ‘Sujeição’ funciona nessa mesma época e ‘assujeitar’ e ‘assujeitamento’ entram em circulação no século XV. Já no século XVI, ‘sujeito’ passa a funcionar tanto significando causa, matéria, motivo como também pessoa que é motivo de algo e pessoa considerada em suas aptidões (PFEIFFER, 1995, p. 6).

Tudo isso permite dizer que, assim como todo e qualquer sentido, o funcionamento do sujeito é histórico, pois a linguagem é histórica. O sujeito está submetido a esta determinação histórica: o sujeito não é livre e nem só racional.

Para a Análise de Discurso as palavras não possuem sentido nelas mesmas, e que derivam seus sentidos das diferentes FD^{as} que os sujeitos se inscrevem. Desse modo, é pelo dizer que o sujeito se filia em uma FD e não em outra, produzindo um sentido e não outro. Indurski (2006) considera que o sujeito afetado pelo inconsciente e identificado com uma ideologia rege seu dizer, e que um sujeito descentrado age sob a ilusão de estar na origem de seu dizer, mas que de fato, precisa imergir no interdiscurso para poder dizer, pois aí reside o repetível, a memória discursiva que lhe permite dizer. Ou seja, para o sujeito da análise de discurso, imergir no interdiscurso é a condição necessária para poder dizer, esta é a natureza da exterioridade e do que se chama de condições de produção.

A ciência tem sido concebida como portadora de instrumentos que lhe permitem uma neutralidade e objetividade necessária e suficiente para o desvelamento de verdades. A Ciência da Linguagem recebe o estatuto de Ciência a partir do momento em que é introduzida uma metalinguagem, uma ‘notação científica’ que garante a objetividade necessária para que sejamos científicos e não leigos em nossas pesquisas.

Foucault, na **Arqueologia do Saber** (1971, apud PFEIFFER, 1995, p. 13), já nos desvela tal ilusão ao trabalhar com a categoria do ‘saber’, a qual consiste no ‘dizível’, na totalidade das práticas discursivas, a ciência deixa de ser o local privilegiado do controle e isenção ideológica. A ciência não é nada mais que uma prática discursiva que está em contínua relação com outras práticas discursivas, estando, portanto, igualmente dentro de um processo discursivo do qual as formações Ideológicas também fazem parte. As Formações Ideológicas são constitutivas do conhecimento científico.

Indurski (2006), afirma que as relações interdiscursivas aproximam o texto de outros discursos, remetendo-o a redes de formulações discursivas, tal que já não é possível mais identificar com precisão a origem do texto. Assim, não é mais possível distinguir o que foi produzido no texto e o que é proveniente de outros discursos, do interdiscurso, visto que o discurso está relacionado a formações discursivas diversas, mobilizando posições-sujeitos igualmente diferentes. O interdiscurso é o lugar onde residem múltiplos sentidos, produzidos por vozes anônimas, o que Pêcheux (1988), caracterizou como o *non-sens*.

Nesse sentido, Pfeiffer (1995, p. 10) ressalta que:

[...] na análise de discurso não cabe a ideia de que todo sentido é válido no processo de interpretação, (tudo pode!), já que este é produzido na confluência móvel das diferentes FD^{as} como também não cabe a ideia de que o sujeito está sempre no sentido, fazendo sentido e por isso mesmo se constituindo como autor. Para ser um sujeito-autor, exigem-se os quesitos como apresentar um texto com fecho, unidade, coerência, e que seja, portanto discernível, concreto, alcançável, acessível, interpretável. E tudo isso é obtido através da impressão de que o texto em questão

faz sentido, consegue obter seus objetivos propostos, desenvolver coerente e, minimamente, de modo reflexivo.

Dessa forma, o sujeito-autor deve estabelecer uma trama entre os diferentes recortes discursivos, decorrentes dos diferentes textos afetados pelas diversas formações discursivas. Para se tornar um texto, de acordo com Indurski (2006, p. 71), depende de como o sujeito-autor ‘costura’ e organiza esses diferentes recortes, tornando interno o que é externo. Esse duplo jogo de relações que se instituem no movimento da constituição do texto e que apontam para “[...] o modo como o sujeito-autor ‘costura’ e internaliza as cadeias discursivas provenientes da exterioridade, é o que precisa para o sujeito-autor produzir o chamado efeito-texto”.

O sujeito ao atribuir sentidos, o faz como se estes estivessem desde sempre colados às palavras. Neste processo, apaga-se o modo através do qual estes sentidos foram construídos no discurso. Em outras palavras, faz-se deles a-históricos. Segundo Orlandi (1993, apud PFEIFFER, 1995, p. 19), “[...] o esquecimento é o lugar de um possível sítio da significação: é preciso esquecer para significar. A memória constitutiva diz respeito ao trabalho histórico de constituição dos sentidos, o dizível, o repetível, enfim, ‘o interdiscurso’”.

Para que haja um evento interpretativo é preciso que o sujeito se represente no lugar de autor, ou seja, que ele se inscreva no interdiscurso: que o seu dito seja dizível. E isso ocorre quando há o exercício da repetição histórica – o dizer inscreva-se no repetível do interdiscurso, fazendo com que este signifique para o autor: é o que torna possível atribuir sentido ao dizer. (PFEIFFER, 1998, p. 102).

3 SITUANDO O OBJETO DE ESTUDO: o relatório de estágio

O Estágio Supervisionado é exigência do Currículo Mínimo do Curso de Licenciatura, conforme Lei Federal n.º 6.494 de 07/dezembro de 1977, regulamentada pelo Decreto n.º 87.497 de 18/08/1982 e deve ser cumprido pelos futuros profissionais da educação no decorrer do seu curso de graduação. É requisito necessário para o aluno graduado colar grau. A Resolução n.º 038/2009 – *Ad referendum* do Conepe: a qual estabelece normas para a organização e funcionamento do Estágio Curricular Supervisionado dos Cursos de Graduação de Licenciatura Plena da UNEMAT, apresenta:

Art. 2º O Estágio Curricular Supervisionado é concebido como componente curricular do Projeto Político Pedagógico de cada Curso regular e modalidades diferenciadas, elemento indissociável do processo de formação docente devendo ser assumido como compromisso coletivo.

Art. 3º O Estágio Curricular Supervisionado é o momento de efetivar, sob a orientação e supervisão do professor, um processo de ensino-aprendizagem que possibilitará ao licenciando vivenciar e atuar em espaços escolares e não escolares (cujas atividades sejam voltadas à prática de ensino), preparando-o para a futura atuação profissional.

Art. 4º O Estágio Curricular Supervisionado tem como finalidade:

I. Oportunizar ao acadêmico/estagiário a vivência de situações de experiência profissional e de trabalho que lhe possibilitem a integração dos conhecimentos teóricos e práticos, por meio de processo permanente de reflexão.

IV. Possibilitar aos acadêmico/estagiários o exercício de conteúdos aprendidos no respectivo curso de Licenciatura Plena, repensando-os de acordo com o campo de estágio;

Art. 6º- §1º O Estágio Curricular Supervisionado será desenvolvido em forma de observação e análise de práticas pedagógicas, co-participação em atividades de ensino, regência de classe, atividades de iniciação à docência que envolva projetos de extensão, monitoria, pesquisa, seminários temáticos e outras possibilidades da realidade situacional da Universidade.

Art. 14 A avaliação na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado fica condicionada à observância dos seguintes aspectos, além dos previstos pela instituição:

I. Desempenho nas atividades promovidas e/ou solicitadas pelo professor em espaços escolares e não escolares;

II. Desempenho na regência de classe;

III. Apresentação do relatório final, dentro das normas técnico-científicas previamente estabelecidas.

Como vimos, a disciplina de Estágio Supervisionado ministrada no final do curso de Licenciatura Plena corresponde à fase prática de um longo percurso de reflexões teóricas em diversas áreas de conhecimento como Linguística, Literatura, Língua Materna, entre outras, oferecidas durante a trajetória/matriz curricular do curso.

O Estágio Supervisionado é dividido em três fases: observação, monitoria e regência de aula. A observação corresponde à fase de análise da escola/professor/aluno, o acadêmico deve fazer um levantamento de dados como espaço físico da escola/sala de aula, bem como observar a aula do professor que leciona na classe em que fará a regência, buscando relatos das experiências vividas desse profissional, a fim de contribuir para a atuação como professor.

A regência é a fase que o acadêmico leciona, colocando as teorias vistas no decorrer de seu curso em prática. No final da disciplina, o acadêmico estagiário deve elaborar individualmente o seu Relatório de Estágio, que deverá conter todas as fases do estágio, todo material utilizado nas aulas, as atividades produzidas pelos alunos, ou seja, tudo que foi necessário para o desenvolvimento do estágio na escola.

Dessa forma, temos no relatório de estágio um documento que é o objeto da nossa pesquisa, pesquisa esta, que nasceu da curiosidade de saber como o estagiário interpreta o professor/escola/ensino de língua. Pensando nesta questão, Guimarães (2004), diz que a pesquisa é uma aventura da produção do conhecimento, envolve coisas muito diferentes e que se reúnem numa necessidade de aprender a produzir conhecimento e produzi-lo. Ela começa

pela curiosidade e vontade de conhecer algo. E para se construir o conhecimento é preciso fazer uma erudição específica que diga respeito à área em que se pensa um dia trabalhar, assim estes recortes dos relatórios produzidos pelos acadêmicos, tornou-se o nosso *corpus* de análise, visando compreender a busca pela autoria do sujeito estagiário.

A Análise de Discurso não conta com um método pronto para aplicar a uma determinada realidade. O analista durante todo o processo da análise vai promovendo escutas no objeto de investigação, que é tomado como fato e não dado. Isso porque para essa teoria a língua é concebida como discurso, ou seja, está em relação com a sua exterioridade histórica, por isso é dinâmica, opaca. O *corpus* foi selecionado durante todo o processo de análise, a medida e necessidade que a pesquisa foi sendo direcionada pelas leituras constantes.

Nesse sentido, foram lidos vinte e cinco relatórios dos anos 2008 e 2009, divididos em: oito relatórios de 2008/1, oito relatórios de 2008/2 e nove relatórios de 2009/1 do 8º semestre de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de. Dos vinte e cinco, selecionamos seis relatórios, três de 2008/2 e três de 2009/1, devido a sua extensão, selecionamos sete recortes, entre os recorrentes, que constituíram o *corpus* de análise.

4 O SUJEITO ESTAGIÁRIO EM BUSCA DE AUTORIZAÇÃO

Para Análise de Discurso, o sujeito e os sentidos se constituem através da ideologia, ou seja, o dizer do sujeito se estabelece através da história e da ideologia, constituindo assim, sujeitos historicamente determinados pela ideologia.

O sentido do texto constitui-se pelas condições de produção, o contexto e a situação, resultado da interlocução discursiva estabelecida entre os sujeitos historicamente determinados. Nesse sentido, dizemos que o sujeito é autorizado a dizer por diferentes instâncias como, por exemplo, a academia, que constitui o lugar em que o sujeito estagiário ocupa para poder dizer em seu relatório.

O sujeito ao dizer deve sair do comum e entrar no específico, entretanto, há um espaço entre os dois, que constitui a liberdade do sujeito que diz, ou seja, sua marca de individualidade, porém, essa liberdade torna-se uma armadilha no discurso do sujeito, pois este sujeito pode ficar preso no comum, apagando a cientificidade em seu discurso. Nesse sentido, podemos afirmar que o sujeito estagiário, ao dizer, carrega em seu discurso uma responsabilidade, ou seja, tem o dever de dizer o esperado sem estar funcionando no senso

comum, um discurso reforçado pela Ciência, pois sua posição na universidade o determina como tal.

Porém, o que ocorre no dizer do acadêmico, que veremos no decorrer da análise, é a total liberdade em seu discurso, pois este se coloca como o acadêmico da universidade, o que lhe atribui um estatuto de Ciência, pois a academia é o lugar de reflexão. Diante disso, partiremos da ideia de como se estabelece no dizer do acadêmico o funcionamento da crítica que é constituída aos professores da rede de ensino.

O sujeito acadêmico em seu discurso critica a metodologia utilizada pelo docente, o ensino da língua e a escola, ou seja, o sujeito acadêmico se coloca na posição de autor do seu dizer, tendo talvez marcado em seu discurso a ilusão de ter o estatuto de verdade (ciência) por estar dentro da academia. Os recortes foram selecionados com a finalidade de análise, devido à extensão dos relatórios foram transcritos na íntegra apenas os recortes, a fim de analisarmos o *corpus* que constitui a nossa pesquisa.

4.1 RECORTES DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

Primeiramente, serão analisados os quatro primeiros recortes, nos atentaremos no funcionamento do discurso que se constrói na crítica produzida pelo sujeito acadêmico ao professor da rede de ensino. Em seguida, analisaremos os três últimos recortes, em que veremos o apagamento do embasamento teórico, a ausência da cientificidade no discurso do sujeito acadêmico em sugerir ao professor e a escola um ensino/aprendizagem com metodologias novas. Apresentamos a seguir os quatro primeiros recortes selecionados.

Recorte A¹ - [...] Visto que ao ‘observarmos a falta de conhecimento deles (alunos) em relação a gêneros textuais’ como: tipos de cartas, textos narrativos, dissertativos, trabalharam com a sala textos comerciais, como: ofício declaração, requerimento, procuração. ‘**A sala não tinha conhecimento de como era a estrutura desses textos**’, nem quando e para quem se poderiam enviar esses tipos de cartas, que na verdade acabam se tornando documentos. (p. 10, grifos nossos)

Recorte B¹ - Neste dia a professora trabalhou com os alunos no quadro o emprego do S, Z, C, Ç, SC, e SS, logo após explicou quando são usados, e por fim passou exercícios de fixação e foi feita uma breve correção. Correção esta que foi feita de forma que ‘nós enquanto estagiárias entendemos que os alunos já tinham um conhecimento’ referente ao emprego de ditongo, adjetivo, substantivo abstrato e outros. Após a apresentação do conteúdo e fixação do mesmo houve um intervalo nos quais os alunos fizeram uma pequena comemoração e logo após a professora apresentou uma dinâmica com ditado, no qual todos os alunos iriam ao quadro-negro escrever a palavra ditada pela professora que vem trabalhar a competência interativa do aluno, ainda dentro da dinâmica a professora fez as devidas correções com ajuda dos alunos, ‘em tais correções houve um equívoco da professora ao corrigir’, onde ela ditou ‘**profetiza**’ ela corrigiu ‘**profetizar**’ e nenhum dos alunos

percebeu o erro, nem mesmo a professora e isso também ocorreu em outras palavras. (p.10, grifos nossos).

Recorte C¹ - Ficou claro para nós que ‘os **alunos não se desenvolvem intelectualmente** ou não produzem bons textos porque não lêem, decodificam as palavras sem observar as devidas instruções ou exigências necessárias, deixando lacunas nas aulas de Língua Portuguesa’. Vimos também que para que a aprendizagem do aluno seja mais proveitosa é necessário utilizar o texto para se trabalhar as regras gramaticais, assim, o aluno estará se posicionando ante a diversas formas de ver as nomenclaturas gramaticais. Além disso, ao proporcionar ao aluno este tipo de atividade, o **docente estará contribuindo** para a desenvoltura do aluno quanto ao seu melhor desempenho no ato de elaborar textos dissertativos. (p. 12, grifos nossos)

4.2 ANÁLISES DOS RECORTES DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO: o funcionamento da crítica

Ao lermos os quatro fragmentos retirados dos relatórios de estágio, foi possível notar que o lugar do sujeito acadêmico é estabelecido pelo discurso da Ciência, entendida pela Análise de Discurso como sendo construída sócio-historicamente, segundo suas condições de produção. Não há como a ciência se colocar fora da estrutura da qual ela fala, pois falar é histórico (PFEIFFER, 1995, p. 14). Esse discurso que o sujeito acadêmico faz ao apontar os erros, os equívocos do docente em sala de aula, está comprometido porque no gesto de interpretação que o estagiário faz percebemos um apagamento da cientificidade em seu discurso.

O discurso do acadêmico do Recorte A¹ diz que os alunos da escola desconhecem tipos de textos, generalizando que a turma toda não tinha nenhum conhecimento sobre gêneros textuais e textos comerciais, entretanto, o estagiário não explicita com exemplos de como se deu tal afirmação. Quando o estagiário diz que a turma não tinha nenhum conhecimento prévio sobre texto narrativo, dissertativo, parece que o sujeito estagiário afirma que os alunos dessa turma não produzem textos em seu percurso escolar, evidenciando dessa forma, uma falha por parte do professor.

O discurso que se constrói com a frase “apresentação do conteúdo e fixação do mesmo” do Recorte B¹ nos remete a ideia de fixar/decorar o conteúdo dado pela professora. Outro ponto importante é a percepção do sujeito estagiário dos equívocos da dinâmica do ditado realizado pelo professor em sala de aula, assim como a falta de atenção de alunos em relação ao conteúdo.

Porém em seu dizer o sujeito-acadêmico ao apontar o erro do professor, se coloca superior a este já que se coloca como o único a perceber o equívoco da dinâmica elaborada

pelo professor da turma, equívocos estes que segundo ele ocorreu mais vezes: “nenhum dos alunos percebeu o erro, nem mesmo a professora e isso também ocorreu em outras palavras”.

De acordo com Pfeiffer (1995), a dimensão textual do DIZER já implica em ser autor. Porém, nem sempre, por razões igualmente discursivas, o sujeito consegue se colocar na posição de autor do seu dizer. Ocorre no discurso acadêmico uma visão de que há uma relação de confronto entre universidade x escola, pois a academia é o lugar da reflexão, logo o sujeito acadêmico tem o discurso da ciência com teorias novas, o que nos faz pensar talvez, que a imagem construída do professor, da escola, pelo estagiário, é de que eles estão errados com suas metodologias ultrapassadas, pois não surtem efeitos nos alunos.

Entretanto, o discurso do acadêmico fica comprometido, pois se coloca na posição do senso comum, pela ausência (apagamento) de embasamento teórico, perdendo, assim, a legitimação da ciência.

Com relação ao discurso do sujeito estagiário do Recorte C¹ os alunos “não se desenvolvem intelectualmente”, seria talvez dizer que os alunos não pensam? Qual foi o processo teórico que o sujeito estagiário teve para se chegar a esta possível conclusão? Neste mesmo discurso que o sujeito estagiário diz que os alunos não se desenvolvem, estas questões não são respondidas, produzindo um efeito de distanciamento entre teoria e prática, fragilizando o dizer do aluno sobre a escola. Podemos dizer que isso se dá pelo fato do sujeito estagiário apagar a teoria vista no decorrer do seu curso e da disciplina de estágio para tentar responder as questões que ele traz em seu texto.

Desse modo, podemos dizer que o sujeito estagiário para construir a sua autoria na produção do relatório de estágio, deve saber articular diferentes tipos de recortes para produzir sentido. Tem que significar no social. Como o estagiário se inscreve no discurso acadêmico para refletir sobre a escola teria que costurar os diferentes discursos como à concepção de língua que ele adota as teorias estudadas na universidade durante o curso, o processo de ensino aprendizagem observado na escola, bem como o material didático adotado. Como podemos perceber nos recortes observados a crítica apontada pelos estagiários ficou fragilizada por falta de argumentos e explicação. Percebemos ainda um distanciamento na articulação entre a teoria e a prática desse futuro professor, como se as teorias estudadas no curso não alcançassem o funcionamento na escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito analisar o discurso do sujeito estagiário e o funcionamento da busca pela autorização, presente nos vários recortes selecionados, observamos à construção do discurso do sujeito estagiário ao criticar o ensino da língua, o trabalho do professor, o aluno e a escola.

Vimos que o sujeito estagiário em busca de autorização se inscreve como acadêmico de uma universidade para dizer, sendo afetado pelas discursividades da academia, pois se coloca em um lugar de superioridade em relação ao professor titular da disciplina. Devido estar inscrito em uma Instituição de ensino superior, e por se colocar no lugar da academia é que talvez ele se coloque em patamar superior ao professor, uma vez que o lugar da universidade é o lugar da produção do saber, o lugar da ciência e da reflexão.

Autoria seria, então, costurar esses dizeres, embora nos recortes que analisamos encontramos brechas no modo de dizer do estagiário que mostram certa dificuldade de articulação de diferentes discursos. A contradição que se dá é pelo fato do sujeito-enunciador (estagiário) dizer do lugar da universidade, mas ao mesmo tempo apaga o científico, a teoria, que deveria ser explicitada no texto, pois como bem deixa em seu discurso, o sujeito estagiário está na universidade, lugar de cientificidade. A autoria está vinculada ao sujeito que tem responsabilidades sobre o que diz, entretanto, tem o dever de dizer o esperado, para não ocorrer em um determinado momento do seu dizer à perda do estatuto de cientificidade (verdade), tornando-se ideológico – aquilo que perdeu sua legitimação. (PFEIFFER, 1995, p. 17).

Com esse trabalho esperamos contribuir com outras pesquisas na área da Análise de Discurso, bem como esperamos colaborar com o debate sobre formação de professores e o estágio. Consideramos que é sempre importante pensar na formação do profissional que atua na educação, bem como na relação da universidade com a escola, uma vez que isso depende a qualidade do ensino no país. Assim, espero que o papel do professor seja sempre o de buscar ser profissional de educação ético, comprometido, responsável com a formação de nossos alunos, além de ser um eterno aprendiz.

LE SUJET STAGIAIRE À LA RECHERCHE D’AUTORISATION

RÉSUMÉ²

² Transcrição realizada pelo aluno Fernando Hélio Tavares de Barros (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**) e revisão pelo professor Ederson Lima de Souza (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

Cet article vise à analyser les productions écrites des élèves de Lettres, à la recherche de vérifier comme le passage de la fonction-sujet énonciateur au sujet-auteur se donne. On cherche à observer le travail qui l'étudiant universitaire développe à couture les multiples découpages de textes et de construire la textualisation des rapports de stage, en vérifiant la façon que le sujet stagiaire mobilise les différentes théories étudiées dans le cadre afin d'interpréter les leçons, le processus d'enseignement de la langue et l'école. Pour développer cette analyse, on s'est inscrit dans la perspective théorique de l'Analyse du Discours de l'origine française. Il est important dire que la production de ces rapports s'inscrit dans la discipline Stage Supervisé à la fin du cours de Lettres. Pour mener cette recherche, on a pris comme objet d'étude la parole du stagiaire de Lettres et on a sélectionné comme *corpus* de découpages les rapports de stage du 8ème semestre de Lettres. On a remarqué dans notre recherche que le sujet stagiaire s'inscrit dans le discours de l'académie pour être en mesure de dire sur l'école. Et un argument assez fréquent a été la critique que le stagiaire fait à l'école, à l'enseignant, et au processus d'enseignement / apprentissage de la langue. On s'est rendu compte que souvent le sujet dans son discours de stagiaire a été placé à un niveau plus élevé que le professeur de la discipline.

Mots clés: Lettres. Analyse du discours. Sujet. Auteur. Stage.

REFERÊNCIAS

BRASIL. decreto no 87.497, de 18 de agosto de 1982. Regulamenta a Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977, que dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de 2º grau regular e supletivo, nos limites que especifica e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 18 ago. 1982. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d87497.htm>. Acesso em: 28 set. 2009.

GUIMARÃES, Eduardo R. Junqueira. **Pesquisa na graduação:** linguagem e a aventura intelectual. Campinas: UNICAMP, 2004.

INDURSKY, F.. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, Eni P.; RODRIGUES, Suzy Lagazzi. (Orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 33-80.

MATO GROSSO. UNEMAT. Resolução nº038/2009. *AD Referendum* do Conape. Estabelece normas para a organização e funcionamento do Estágio Curricular Supervisionado dos Cursos de Graduação de Licenciatura Plena da UNEMAT. **Universidade do Estado do Mato Grosso**, MT, 26 mai. 2009. Disponível em: <http://www.unemat.br/resolucoes/resolucoes/conepe/2259_res_conepe_38_2009.pdf> Acesso em: 25 set. 2009.

ORLANDI, Eni P.. **Língua e conhecimento linguístico:** para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 5.ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. **O que é lingüística.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

PFEIFFER, C. C.. **Que autor é este?** Tese (Mestrado em Estudos Linguísticos) – IEL / Universidade de Campinas - Campinas. 1995.

_____. **Bem-dizer e retórica: um lugar para o sujeito.** Tese (Doutorado). IEL / Universidade de Campinas - Campinas. 2000.

_____. **O lugar do conhecimento na escola:** alunos e professores em busca da autorização. Campinas: Escritos 7. Labeurb/Unicamp, 2002.